

RESUMO

Este artigo traz alguns elementos sobre o pensamento de Nietzsche, a partir de seu estilo linguístico, e revisita duas metáforas centrais: o “último homem” e o “além-do-homem”. A primeira metáfora designa o ser que já não tem mais esperanças, resultado da “morte de Deus” pela racionalidade moderna, e a segunda antevê a afirmação de um porvir luminoso. A partir do diagnóstico da modernidade como niilismo, Nietzsche procura detectar as possibilidades de sua superação ao investigar criticamente os ideais da filosofia da história de sua época, inaugurando a genealogia do esquecimento e da memória.

Palavras-chave: Niilismo. Além do homem. Último homem. Esquecimento. Memória.

ABSTRACT

This article provides a brief overview of Nietzsche's thought, from his phrasing, and revisits two central metaphors: the "last man" and "beyond-man." The first metaphor designates the being that has no more hopes, result of the "death of God" by modern rationality, and the second statement envisions a bright future. From the diagnosis of modernity as nihilism, Nietzsche seeks to detect the possibilities of overcoming the critically investigate the ideals of the philosophy of history of his era, inaugurating the genealogy of forgetfulness and memory.

Keywords: Nihilism. Beyond man. Last man. Forgetfulness. Memory.

*Mestre em Sociologia pela USP e doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP. Professor de Filosofia, Sociologia, Antropologia e Metodologia da Pesquisa nos cursos de Direito da FMU e da UNIP. Analista de Pesquisa da Fundação Seade, São Paulo.

Introdução

Em Nietzsche não há neutralidade estilística, não há linguagem neutra que possa sugerir impessoalidade. Ele não pretende simular um pensamento não motivado. O leitor de Nietzsche reconhece os seus textos, tem presente quem está escrevendo, sabe a personalidade que os constitui e também que ela não se pauta pela submissão a um argumento, mas pela afinidade com um estilo de vida. Ele escreve, como principal escolha, de forma aforística, num proceder seletivo diante de seus possíveis leitores: Nietzsche não quer ser fácil. É necessário interpretá-lo diante de todas as armadilhas por ele criadas.

Enquanto os demais filósofos, tradicionais, têm uma vontade de verdade, em busca de um caminho, marcadamente teórico, Nietzsche vislumbra vários caminhos. Fragmentário, perspectivo, nomeia como um de seus maiores problemas o estatuto da verdade. Filósofos, em geral, propõem uma verdade sistemática para superação de seu predecessor; Nietzsche não questiona outro filósofo, põe em questão o próprio valor da verdade. O que ele põe em cheque é o desejo de verdade que caracteriza o pensamento ocidental desde Platão. Como se estabelece a verdade? Como ela pode ser reconhecida? Segundo Nietzsche, existe um verdadeiro cortejo em torno desse assunto ao longo da história da filosofia. Uma vez que a vontade de verdade é posta em cheque, toda moral que se assentava sobre ela se desmorona. Quando a verdade aparece enraizada numa vontade e não dissociada de sua vontade, ocorre, segundo Nietzsche, um abalo do edifício moral.

Ao afirmar “Eu não sou um homem, sou dinamite” (NIETZSCHE, 2005, p.109), Nietzsche mostra que tinha um pressentimento forte sobre os efeitos de seus escritos, obrigando o leitor a uma atenção redobrada – seu pensamento não é inocente, abala as certezas assim constituídas. O maior perigo nos textos desse autor é a leitura rápida e acreditar que tudo se iguala, que tudo é indiferente, que as perspectivas se equivalem como num espírito gregário. Ele gostaria que seus textos fossem lidos como num sobrevoo: aproximar-se rapidamente de uma coisa e também sair

rápido. O sobrevoo é apologia do choque, da surpresa, do constrangimento para abalar o leitor. Pede leitores mais atentos do que entusiastas. Não quer leitores embasbacados, elogiando o seu estilo. Nietzsche aprecia a faculdade do leitor de ruminar como a vaca, em uma leitura avessa à pressa. Em *Aurora*, afirma “ambos somos amigos do *lento*, tanto eu como meu livro” (NIETZSCHE, 2004, p. 14); temos de ler vagarosamente, dizer não aos homens apressados, tornar-se seu tempo. Sobre a leitura como arte, Nietzsche (2005a, p. 14-5) afirma:

É certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ -, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um ‘homem moderno’:o *ruminar*...

É importante não fechar Nietzsche em seu século, ter claro que é sobre o nosso presente que ele indaga. Daí a insistência em não fazer um trabalho de “história sem utilidade para a vida”. Em Nietzsche a relação do seu trabalho com o seu tempo é acentuada. Ele é de hoje, de ontem, de amanhã, de depois de amanhã e de um porvir. Num certo sentido, no passado ele prevê um futuro que se anuncia e no futuro prevê um passado que se desfaz.

Nietzsche é extemporâneo, contra o tempo, fora de seu tempo. É como se, olhando para trás, anteviesse um futuro. Ele é intempestivo, atua “contra o tempo, e com isso, no tempo e, esperemos, em favor de um tempo vindouro.” (NIETZSCHE, 2003, p.7). A relação com o passado tem uma função neste presente de fazê-lo saltar em favor de outra coisa. O filósofo deve ultrapassar o seu tempo em sua própria pessoa. Ele escreve para o futuro, o que importa é o futuro (vai ser compreendido no futuro). O presente é muito incômodo, pesado. A relação com o presente é uma carga a suportar.

Os vários estilos de Nietzsche devem ser entendidos como uma luta contra um estilo dominante em filosofia, que pretende uma “exposição sistemática” (DIAS, 2011, p.28), objetiva, na qual as partes que compõem o todo tenham uma ordem interna, constituindo uma

estrutura organizada. A sua fórmula mágica de pensamento pluralista e experimental, vinculada à vida, não dá nenhuma chance àquele que acredita exclusivamente num pensar lógico-racional. O pensar lógico-racional, a partir de Platão, é desvinculado da vida e de tudo que pulsa no corpo – em Fédon, Platão afirma que o corpo é o cárcere da alma.

1. O Nihilismo e um Futuro

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche narra as metamorfoses do espírito humano, que luta para superar o nihilismo do homem moderno – o devir camelo, o devir-leão e o devir-criança – em direção ao eterno retorno. Nessa obra estariam indicadas duas possibilidades de desdobramento do nihilismo, duas modalidades de futuro: uma simbolizada pelo “último homem” e outra simbolizada pelo “além do homem”. A primeira mostra o homem, mesmo substituindo Deus, permanecendo na ausência de sentido e de valor, na ausência de anseio e de criação; é aquele que se entrega a uma extinção passiva. O último homem é resultado de um processo de sucessão de valores depreciativos da vida e de “muletas” até adentrar num descrédito total da vida. O “além do homem” vê na derrocada de sentido uma abertura, um estímulo para um novo modo de sentir, de pensar, de avaliar; é a possibilidade de uma nova forma de vida, de um novo tipo de subjetividade; é uma ruptura e não a coroação da metafísica (segundo Nietzsche, a filosofia socrático-platônica enfatiza a moralização da vida e, nesse sentido, valoriza cada vez mais a argumentação lógico-racional de um idealismo desvinculado das inconsistências próprias da vida). Sobre o idealismo, Nietzsche afirma:

A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se *forjou* um mundo ideal... O ‘mundo verdadeiro’ e o ‘mundo aparente’ - leia-se: o mundo *forjado* e a realidade... A *mentira* do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até seus instintos mais básicos – a ponto de adorar os valores inversos aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o

futuro, o elevado direito ao futuro. (NIETZSCHE, 2005, p. 18)

Nietzsche tem um senso agudo para a decadência e para a ascendência; a decadência e a ascendência conjugam. Aos seus olhos algo está morrendo e algo está nascendo ao mesmo tempo. Isto resume todo o projeto de Nietzsche: o senso para o declínio, para o que vai desmoronar, o que está chegando ao fim, e o senso para o que está vindo, nascendo. Ele fez um inventário cáustico de nossa cultura do que é terminal, moribundo. Defende o que ainda não nasceu em detrimento daquilo que ainda permanece. Ele acredita que o papel do filósofo é avaliar os valores de uma cultura, de uma filosofia, de uma vida e até mesmo de uma modalidade de nihilismo. Usa expressões como: “grande estilo”, “grande saúde”, “super abundância”, “elevação”, “plenitude”, “atividade”, “aumento de força”, “intensificação de potência”, como distintivas de uma moral nobre em oposição à moral de rebanho. São critérios que Nietzsche usa para pesar, apreciar, avaliar uma cultura, um conceito, uma filosofia. Ele desconfia de um suposto melhoramento do homem; no fundo, cada vez que se tentou melhorar o homem, o efeito foi domesticá-lo, deixá-lo medíocre, rebaixá-lo, torná-lo mais gregário.

No prólogo e na primeira parte da obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche mostra o desprezo do homem para com o homem, e a sua superação dos valores modernos, rompendo a eternidade metafísica, a ideia de esperança cai por terra, caminhando no sentido do corpo terreno que perece. Prefere-se o “último homem”, que é o da sociedade de consumo, do nihilismo, da total falta de empolgação para com a vida, do homem indiferente, da banalidade. O nihilismo é a crise do processo de moralização do mundo que, segundo Nietzsche, começou com Eurípedes e Sócrates, vindo num crescendo até a modernidade. O homem chega neste momento sem referências de um mundo supra-sensível, sem um apoio, sem um centro, à deriva, imerso num sentimento do nada.

Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para

trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda “em cima” e “embaixo”? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? (NIETZSCHE, 2001, 125).

“A morte de Deus” é o horror do “último homem” frente à sua finitude, à sua morte. O homem busca outra vontade, fixar outro parâmetro que signifique eternizar; a substituição de Deus por uma vontade de verdade não mais construída a partir da transcendência. A vontade de verdade, do homem da razão, é o niilismo reativo e a ausência de vontade é o niilismo passivo. Nem ressentimento o último homem tem. É a total uniformidade, a não problematização. Em “Os pregadores da morte”, texto da Primeira parte de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche mostra o canto de morte olhando para aqueles que estão morrendo.

Existem pregadores da morte; e a terra está cheia daqueles a quem se deve pregar o afastamento da vida. A terra está cheia de supérfluos, a vida é estragada pelos demasiados. Que sejam atraídos para fora dessa vida com a vida eterna (NIETZSCHE, 2011, p.44).

Na história moderna e contemporânea, quantos fatos mostraram e mostram o cinismo já denunciado por Nietzsche, de aceitar a verdade por pior que seja e exagerar o valor dela; o cínico sabe que aquilo que está dizendo é verdade e ele fala mais forte ainda. Quando milhões de pessoas morrem em campos de concentração, em invasões nas regiões do Oriente em nome da democracia, em situações corriqueiras como os motoboys na cidade de São Paulo, um discurso cínico traduz: “morresse”, “tem que morrer mesmo”, “você não valem nada mesmo”. É um canto fúnebre, cínico, acentuar o horror que é morrer e morrer, como num campo de batalha. Esta situação é mostrada por Michel Foucault em obras como *Em defesa da sociedade e Nascimento da biopolítica*, quando afirma que a partir do século XIX vem se configurando o surgimento de um poder preocupado com a espécie – “fazer viver, deixar morrer”. Em nome do capitalismo,

do consumo, da democracia, da paz, da norma, enfim, em nome da ordem e da vida que representa a maioria, a espécie, morre-se. É um paradoxo, pois em nome da vida, deve-se morrer, numa sociedade cada vez mais cínica, afirma-se a morte para aquele que poderá “prejudicar” a vida da espécie. Nesta sociedade, o mais difícil é escapar e resistir à uniformização e à padronização. Todo o ideário do nosso mundo contemporâneo é o da satisfação.

Antes da morte de Deus, tinha-se o consolo da religião. Depois, qual é o sentido da existência sem Deus? Antes, a partir da filosofia socrático-platônica e a moral cristã, a morte era eliminada porque havia a vida eterna, porque existia a passagem para a vida eterna. E quando não há mais a certeza nessa vida eterna, como é que fica a morte? Esta situação provoca uma angústia muito grande. Antes era eliminada a angústia porque a morte era uma aparência falsa. Parecia que o corpo morria mas a alma subsistia, a alma continuava. Quando a morte é o fim, como se pode conviver com esse algo que é o fim? A filosofia chegou a ser concebida como preparação para a morte, mas a preparação para a morte enaltecendo o aspecto das virtudes que poderiam ser cultivadas em vida. Na modernidade não há mais a dimensão do futuro. Nietzsche ainda acolhe o futuro, tem a dimensão do futuro, num gesto otimista. Com o além do homem, o otimismo seria a superação do niilismo, é o devir criança, é o vi-a-ser para o futuro.

O último homem não tem mais esperança, a morte é um término absoluto. O tema da morte é o enfrentar a morte, não sucumbir, remeter o seu próprio nome para o futuro, como o herói grego, para que ninguém esqueça os seus feitos. Os gregos, como sinal de uma super abundância, conseguiram vitalidade diante da dor e da morte. Em Nietzsche, encontramos uma decidida recusa de qualquer anseio por uma eternidade vazia, há a ideia de um eterno retorno da própria vida, um triunfante sim à vida. Esse sim à vida é o eterno prazer da criação, o eterno assumir da vida nas suas facetas mais paradoxais. Dizer sim à vida é dizer sim à morte também, ao seu aniquilamento. Não é o culto à morte, mas uma relação outra com o próprio tema, isto é, contra

toda a metafísica que valoriza uma certa eternidade em detrimento do temporal. Nietzsche, nesses seus critérios, se contrapõe à suposta vida eterna, que é, num sentido, a morte eterna. Há uma modalidade de extirpação da morte que implica numa existência morta, isto é, há um certo ideário contemporâneo de extirpar a dor, uma imaterialização do próprio corpo. Com a experiência moderna, com a massificação, não se tem mais nada. É o nada, é o pior dos niilismos. Nietzsche mostra que na perspectiva trágica não se tinha medo da morte. A morte não era colocada como antítese da vida, era um modo de existência. Em Nietzsche, há, ainda, um heroísmo da morte, uma espécie de promoção, uma dignidade do próprio sujeito, uma realização apesar de desaparecer. A vida mais intensa é a exposição mais arriscada à própria morte. A sobrevida, a eternidade, ignorando a morte, acabam produzindo o grau zero de vida, o pior dos niilismos.

“O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo. Um perigoso para-lá, um perigoso acaminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremeecer e se deter” (NIETZSCHE, 2011, p. 16). O homem como um ser do risco, que vê a vida como um jogo de dados ou uma brincadeira de criança, que se lança sem um centro de gravidade não é um fim, é uma passagem. O mar é uma metáfora fundamental em Nietzsche, é o campo aberto do devir, é o experimentador artista que se lança, os riscos é o vir-a-ser constante. O apolíneo é sempre arrastado pelas forças dionisíacas, no sentido das grandes ondas que dissolvem todas as certezas. Quando Zaratustra vai em direção ao eterno retorno, ele caminha para o mar aberto. Tem que ser criança, é a inocência do devir, é um dissolver e uma construção. Para ser criança é necessário leveza para afirmar o eterno retorno.

No começo da travessia, Zaratustra é todo iluminado, é apolíneo, representado pela forma artística dos gregos – a epopéia, a arquitetura, os templos –, para enfrentarem a tragédia da vida. Apolo é o patrono de toda a arte grega, é o deus que se move pela máxima ética: nada em

excesso (ética da medida, das formas) e o conhece-te a ti mesmo (consciência de si).

2. O Lembrar e o Esquecer

O pensamento nietzschiano, intempestivo, traz uma crítica à verdade absoluta, à erudição de historicistas pedantes que, preocupados com um acúmulo de saberes sem real utilidade para a vida, conduzem o pensamento a um engessamento dos valores, pesado, enraizado. Nietzsche, na sua visão genealógica, trata de imaterialidade e leveza. Não há fatos, somente interpretações, perspectivas. É um pensador preparado para captar a história a partir de uma experiência de si, uma linguagem do corpo, que molda a memória involuntária, “verdadeira”, como um “astro sem atmosfera”¹. As sensações do olfato, do paladar, do toque nos remetem às crianças e às lembranças arcaicas mais elementares. Em *Ecce Homo*, Nietzsche mostra grande conhecimento de si ao relacionar experiências pessoais com alimentos, lugares, climas, cores, gostos em geral. Em conjunto e entrelaçados, esses elementos podem ou não potencializar um corpo, deixando-o mais forte, mais potente, vigoroso, tonificado. Nietzsche valoriza a história a partir da ação, da experiência, da vida e suas afetações. Isso o remete a um tema que lhe é muito caro - da memória e do esquecimento - e que está presente também em Walter Benjamin, Proust, Bergson, Freud. A respeito da memória e do esquecimento, Nietzsche afirma que

Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer (...)

Esta é a longa história da origem da *responsabilidade*. A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto

¹ Metáfora utilizada por Nietzsche que significa aquele que não vive na sua constelação, no seu meio ambiente.

Expressão encontrada na 7ª parte da Segunda Extemporânea.

necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e, portanto, confiável. (2005a, p.48)

Uma memória verdadeira para Nietzsche, e de que trata Proust na obra *Em busca do tempo perdido*, é uma memória involuntária, construída por rastros. É a vivência no corpo, é a memória do olfato, por exemplo, da cor, daquilo que nos pega de súbito. Isto se opõe à memória de marca, que representa o castigo, a culpa, que traz a marca da moral, uma memória pesada, que se distingue da memória verdadeira, entre outras coisas, por ser voluntária. A memória involuntária precisa do esquecimento, da morte. Os mortais precisam da memória e, conseqüentemente, contar as suas histórias, porque vão morrer. “Morre no tempo certo: assim ensina Zarathustra. (...) Aquele que consuma a sua vida morre a sua morte, vitorioso, rodeado de esperançosos e promitentes” (NIETZSCHE, 2011, p. 69).

Nietzsche, na *Genealogia da moral*, diz que a memória do homem foi constituída à base de muita dor e sofrimento; muita violência sobre a natureza humana. O homem desenvolveu responsabilidade, consciência, que é a memória de marca. O homem-camelo é aquele que carrega pesados fardos. Com sua pesada carga em seu “tu deves”, afasta-se de si mesmo, desacreditando-se, desconfiando-se e culpando-se de suas pulsões, de seus afetos, de seus instintos e torna-se um homem moral e doente em sua consciência.

Como fazer no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do

esquecimento?’ (...) ‘Gravar-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória’ - eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra...’ (NIETZSCHE, 2005a, p. 50).

Em sua transvaloração, Nietzsche afirma que a criança, o além-do-homem, é “inocência (...) e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer- sim”. (NIETZSCHE, 2011, p.28-29)

A criança é o corpo-devir, é um vir-a-ser intenso, é viver intensamente o presente com suas variações e experimentações, é rir de formas as mais variadas com as mesmas situações e ocasiões.

A criança é a psicologia do ar, daquilo que flutua, que paira, com movimentos leves, lentos, plásticos, tônicos, coloridos, dançantes, que estão disponíveis aos jogos de forças e afetações próprias da vida. Sobre a imagem aérea, Nietzsche afirma que

“Quem um dia ensinar os homens a voar, deslocará todos os marcos de limites; os marcos mesmos voarão pelos ares, e esse alguém batizará de novo a terra – de ‘a Leve’” (NIETZSCHE, 2011, p.183)

Um texto ou uma vida também são tecidos pelo esquecer e pelo lembrar, estar aberto, no processo da escrita da vida, a algo que não se prevê, quando não se sabe como termina a história. É necessário estar disponível àquilo que surge; ter leveza, uma atenção flutuante. Contrário à memória de marcas, Nietzsche propõe o ar das alturas, dos “espíritos livres, espíritos aéreos, espíritos alegres”.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. Nietzsche e o psiquismo ascensional. In: *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996, (Obras escolhidas; v. 1).

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. (Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Aurora*. (Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza). São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. *Genealogia da Moral – um escrito polêmico*. (Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza). São Paulo: Cia das Letras, 2005a.

_____. *Segunda consideração intempestiva*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. (Tradução de Marco Antônio Casanova). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. *Assim falou Zaratustra*. (Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *A gaia ciência*. (Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza). São Paulo: Cia das Letras, 2001.